

TEATRO

A VIZINHA DE ANTÔNIO

Antônio Roberto Gerin

(07.07.2006)

*Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional, sob o n. **494.174***

Personagens

Nica (38)

Dona Mora (68)

Mercedes (49)

Moleque (11)

Uma área de fundo, espécie de sala ampla e despojada, utilizada como ateliê. Um sofá de pano florido, em vime, uma mesa enorme, rústica, de madeira, sobre a qual se espalham inúmeras peças de barro e cerâmica, além de pequenos potes de tinta. No canto oposto, um móvel, sobre o qual repousam algumas fotos, todas de Júlia, filha de Nica, e revistas, a maioria especializada em arte. Entre esses móveis, uma passagem que dá para um corredor que leva aos quartos, localizados na frente da casa. Na mesma parede, uma foto antiga, em quadro com moldura elegante e moderna, provável seja a mãe de Nica. Ao fundo, centralizada, uma porta que dá para a cozinha e outras dependências; oposta à janela que dá para a varanda da casa de dona Mora, fica a porta principal, saindo para um espaço externo amplo, utilizado como passagem para a rua, e também como depósito de vasos e flores. De quem olha da rua, no lado direito à casa de Nica, separada por um muro baixo, vê-se, num plano mais elevado, a varanda da casa de dona Mora.

ATO I

CENA I

- DONA MORA *(Na varanda da sua casa, em frente à janela lateral do ateliê da casa de Nica.) - Nica! Niica! Ô mulher difícil. Nica! (Atira uma laranja pela janela da casa de Nica, que vai bater na parede oposta, quase junto à porta lateral, que dá para o corredor externo. Pausa. Irritada.)* Maria Francisca!
- NICA *(De fora, impaciente.)* - Calma, dona Mora, já estou indo!
- DONA MORA Eu tenho notícias do Antônio.
- NICA *(Entra súbito, pela porta lateral, ansiosa. Traz um avental, amarrado ao pescoço e à cintura, sujo de barro e tintas.)* O que foi que aconteceu dessa vez?
- DONA MORA Ele está morrendo.
- NICA Isso eu já sei.
- DONA MORA Dessa vez é sério! O doutor Luciano me disse que de hoje ele não passa.
- NICA Está mais do que na hora de acabar com esse sofrimento.
- DONA MORA *(Insinua.)* - Você está querendo que o Antônio morra?
- NICA Eu quero que ele pare de sofrer.
- DONA MORA Seria tão bom se ele batesse as botas, *(Intencional.)* não é, Nica?

NICA *(Reage.)* - Como é que eu vou querer a morte de alguém, dona Mora?!

DONA MORA *(Séria.)* - Você não está triste.

NICA Lógico que eu estou.

DONA MORA Então chega aqui, na janela. Eu quero ver o seu rosto. *(Vendo que Nica hesita.)* Mais perto!

NICA *(Quase se debruçando sobre o peitoril da janela.)* - Tenha a santa paciência, dona Mora!

DONA MORA Você não está triste.

NICA *(Demonstrando, sutilmente, uma confusão interior.)* - A senhora quer o quê? Que eu chore...?

DONA MORA O Antônio vai morrer.

NICA Se a senhora quer saber, eu já me acostumei com esse morre não morre.

DONA MORA *(Abaixa o tom.)* - O que é que está acontecendo, Nica?

NICA Nada.

DONA MORA Tem certeza?

NICA Eu não sou de ficar lambendo moribundo, só isso! *(Ressentida.)* Aposto que tem fila na porta do quarto. Ele não precisa de mim.

DONA MORA Isso é mágoa ou ciúme?

NICA Essa babação toda me irrita!

DONA MORA Vai me dizer que você não queria estar lá, babando.

NICA Se depender de mim, vai morrer só.

DONA MORA O Antônio, morrer só? Se é isso que você quer, desista! Pinto bom, serventia não lhe falta!

- NICA Que façam bom proveito.
- DONA MORA (*Nica ameaça sair. Irrita-se.*) - Aonde você vai?
- NICA Eu tenho muito vaso pra pintar, dona Mora.
- DONA MORA Vasos, vasos, é só nisso que você pensa?! E o resto, como é que fica? Isso que você tem no meio das pernas, não vale nada, não? (*Nica sai pela porta dos fundos. Tom de ordem.*) Vem cá, eu ainda não terminei.
- NICA (*Volta.*) - Eu preciso trabalhar, dona Mora, por favor!
- DONA MORA Desde que ele ficou doente, você não botou os pés lá.
- NICA Eu nunca fui à casa do Antônio.
- DONA MORA (*Inconformada.*) - Mas agora ele está doente!
- NICA Não vou, dona Mora.
- DONA MORA Ele é seu vizinho.
- NICA Por que é que eu tenho que ir?
- DONA MORA Por que é o normal! (*Amuada.*) Pelo menos pra prestar solidariedade à família.
- NICA (*Irônica.*) - Bela família...!
- DONA MORA (*Conclusiva.*) - É brigada com a família também.
- NICA (*Decidida.*) - Eu não vou, e não vou! E não quero mais falar nesse assunto.
- DONA MORA Por que é que você fechava a porta toda vez que o Antônio passava em frente à sua casa?
- NICA A porta sempre esteve fechada.
- DONA MORA Mentira! Você virava as costas pra ele como o diabo vira a bunda pra cruz!
- NICA A casa é minha. Eu abro e fecho a porta pra quem eu

- quiser!
- DONA MORA Medo que ele entrasse?
- NICA *(Agressiva.)* - O Antônio jamais entraria na minha casa. Ele não foi homem pra isso.
- DONA MORA Mas você ficava esperando.
- NICA Que ele morresse, sim!
- DONA MORA Você tem noção do que está dizendo?
- NICA Não é isso que a senhora quer ouvir?
- DONA MORA E depois que ele morrer?
- NICA Minha vida vai continuar.
- DONA MORA Será?
- NICA A da senhora não continuou depois que o seu Abelardo morreu? Pelo que sei, fez foi pegar fogo.
- DONA MORA *(Reage.)* - Não se meta na minha vida, menina! *(Pausa.)* Meu marido está morto, que Deus o tenha! Mas o Antônio ainda não.
- NICA *(Silêncio. Suspira fundo, pega um dos potes sobre a mesa e começa a mexer a tinta. Um tanto nervosa.)* - Me dói ver o Antônio daquele jeito, com aquela doença ruim, sem volta. Mas, infelizmente, não posso fazer nada.
- DONA MORA *(Irônica.)* - Que pena...!
- NICA *(Para si mesma, pegando o vaso.)* - Eu tenho que cuidar da minha vida. Eu tenho a minha filha! O resto... *(Rancorosa.)* é resto! O que importa agora é que vou colocar os meus vasos em São Paulo, como eu sempre quis. Tenho certeza que vão aplaudir a minha arte, dona Mora! Foi pra isso que trabalhei duro nesses anos todos. *(Sai pelos fundos.)*

- DONA MORA *(Tem dificuldade de ver Nica pela janela. Carinhosa.)*
 Ô, minha filha, por que essa teimosia toda...? Será que te custa tanto assim ir lá dar uma olhadinha no pobre coitado... *(Procura Nica. Insegura.)* Nica... Eu não estou te vendo! *(Pausa. Rende-se.)* Está bem, vamos mudar de assunto. Não se fala mais no Antônio. *(Nica entra, trazendo um vaso médio. Ocupada. Dona Mora a vê, anima-se.)* A Mercedes trouxe a imagem da santa?
- NICA Às nove, em ponto. Imagina se ela ia se atrasar.
- DONA MORA *(Diverte-se.)* - A beata não perde tempo. Fica esperando na rua, até dar nove horas em ponto. É assim todos os dias! *(Maldosa.)* Depois entra na casa dos outros, como se fosse a própria santa.
- NICA Ela é a coordenadora da novena. Se a imagem da santa tem que passar pra próxima casa, às nove horas, todo dia, então, que seja às nove.
- DONA MORA Por que é que cada uma de nós não pega a santa e não leva pra próxima casa? Por que é que tem que ser ela?
- NICA Sempre tem aquela que esquece.
- DONA MORA Pois amanhã, *(Enfática.)* às nove horas, quem vai trazer a santa aqui pra minha casa vai ser você. É sou eu que vou levar a santa pra casa do Antônio. Apesar daquele muro alto que o safado mandou erguer, eu ainda sou a vizinha dele. *(Irrita-se por não conseguir ver Nica.)* Que é que você está fazendo? Chega mais pra cá, detesto ficar falando pras paredes!
- NICA *(Levanta o tom, para se fazer presente.)* - Só não quero que a senhora me crie confusão com dona Mercedes.
- DONA MORA A Mercedes não tem que ficar mandando na novena, como se fosse o bispo.
- NICA Melhor então a senhora falar com ela.
- DONA MORA *(Ranzinza.)* - Lógico que eu vou falar! Ou você acha que eu vou ficar de boca fechada? *(Pausa.)* Tem notícias da

Júlia?

- NICA *(Eufórica.)* - A Júlia telefonou. Adoraram o meu trabalho!
- DONA MORA Ela conseguiu o contrato?
- NICA Calma, dona Mora, as coisas não são rápidas assim não. Levam um tempo. Mas estamos chegando lá! Só precisamos combinar a quantidade das peças. Seu Válter acha que minhas cores são únicas. *(Devaneia.)* Que a minha arte é pessoal... Não é fantástico?
- DONA MORA *(Intrigada.)* - Quem é esse seu Válter?
- NICA O dono da galeria. É com ele que a Júlia está fechando o contrato. *(Anima-se.)* A melhor coisa que eu fiz foi ter comprado o forno. Posso assar o barro do jeito que eu quiser. Deixo ele um pouquinho cru, pra conseguir o efeito exato das cores! *(Seus olhos brilham.)* Essa é a minha técnica, ninguém faz igual. É com ela que eu vou conquistar o mundo. São Paulo! Depois o Rio... Depois Nova Iorque...! A senhora ainda vai me ver na televisão!
- DONA MORA É muito metida...!
- NICA *(Entre ressentida e esperançosa.)* - Vou ficar livre desse mundinho inútil, dona Mora.
- DONA MORA Livre do Antônio, você quer dizer.
- NICA *(Descontrola-se.)* - O Antônio não tem nada a ver com isso. O que eu tenho eu conquistei sozinha! Fui eu que passei anos vendendo vaso na beira de rodovia. *(Bate a janela.)* Merda!
- DONA MORA Abre essa janela, sua malcriada! Só por que pensa que é *(Deboche.)* artista, acha que pode bater a janela na cara dos outros?
- NICA *(Abre a janela, brusca.)* - Mas eu sou artista! *(Bate a janela de novo.)*
- DONA MORA *(Silêncio. Rende-se, estrategicamente. Carinhosa.)* -

Está bem, você é artista. Ninguém cozinha vaso melhor do que você. *(Silêncio. Nica abre a janela, mais calma.)* Parece que você não está nem um pouco preocupada com a Júlia, sozinha, naquele mundo de cidade.

- NICA São Paulo é uma cidade boa de se morar.
- DONA MORA Não é o que dizem.
- NICA Eu não estou preocupada com o que dizem!
- DONA MORA Pois devia. Homem de cidade grande come e joga fora.
- NICA *(Reage.)* - Lá vem a senhora com a mesma conversa de sempre!
- DONA MORA Alguém tem que se preocupar com a sua filha.
- NICA A Júlia tem mãe, e ela sabe o que faz.
- DONA MORA Eu só quero ver quando um homem encostar a língua na orelha dela.
- NICA É só ela fazer o mesmo.
- DONA MORA Quem engravida é a mulher!
- NICA *(Exaltada.)* - Eu ensinei minha filha a não pensar que homem é a única coisa boa que existe nesse mundo.
- DONA MORA *(Indignada.)* - Mas é a única coisa boa! De que mais uma mulher precisa se não de um homem? Sem homem, o que é a mulher? Pena que só depois de velha é que a gente se dá conta das besteiras que faz! Onde é que tem um pinto bom pra uma velha de sessenta e oito anos? Só porcaria! Está aí o Antônio... Aquilo é um desperdício! Não conheço coisa melhor! *(Apressa-se.)* Não bate a janela na minha cara, menina! *(Nica bate a janela.)* Malcriada! Não tem homem melhor que o Antônio, está me ouvindo? Um safado, mas e daí? *(Brava.)* O que o Antônio precisava era de uma mulher que desse jeito nele. Nenhuma deu. Umas incompetentes! *(Nica pega um pote de tinta e sai pela porta lateral.)* Nica! *(Dona Mora sai e volta com duas laranjas na mão. Atira uma.)*

Nica, sua sonsa! (*Atira a outra.*) Maria Francisca! (*Silêncio. Depois entra, resmungando, braba.*) Fica assim quando eu falo do Antônio... Sem rumo! Eu sei que aí tem coisa. (*Volta-se para a casa da Nica.*) Ou você acha que eu não vou futucar essa história? (*Entra.*) Lógico que eu vou.

CENA II

- MERCEDES (*Mercedes entra pela porta lateral, um tanto estabanada.*) Bom dia...! (*Confusa, consulta o relógio.*) Aliás, é quase boa tarde. Eu tive que voltar, Nica! Quero que você compreenda a situação... É coisa importante, de vida ou morte... É a salvação ou a perdição!
- NICA Diga, dona Mercedes, o que é que a senhora quer?
- MERCEDES Estamos passando por tantos sofrimentos... Você sabe, o nosso Antônio...(*Vai até a janela, antes de fechá-la, olha com despeito para a casa de dona Mora.*) Precisamos falar a sós. (*Dramática.*) O nosso Antônio piorou!
- NICA É grave assim?
- MERCEDES Gravíssimo! Por isso temos pouco tempo. (*Para. Solene.*) Ele quer beijar a santa antes de morrer! (*Eufórica.*) A nossa santa!
- NICA A senhora quer dizer, a santa que está comigo...?
- MERCEDES (*Tentando ser convincente.*) - Ele se converteu, Nica. Eu fiquei emocionada quando vi um intenso brilho divino iluminar os seus olhos. Eu estava com tanto medo que ele morresse sem antes se encontrar com Deus...! Mas graças a mim, isso não vai acontecer. (*Muda o tom.*) Por isso que eu estou aqui. Ele me pediu que eu viesse

buscar a santa.

NICA O que é que deu no Antônio...?

MERCEDES O Antônio passou a ter fé na santa! Pra mim está tudo muito claro. Nosso Antônio está a um passo da salvação. A fé opera milagres!

NICA *(Incomodada.)* - Eu estou admirada...!

MERCEDES Eu não. Eu sabia que isso ia acontecer. Eu conheço o Antônio como a palma da minha mão. *(Muda o tom.)* Eu vou ter que mudar a sequência das casas, Nica. Vou ter que levar a imagem pra casa do Antônio. Hoje a novena vai ser lá. *(Apressa-se, como que se justificando.)* Amanhã, às nove, *(Enfatiza.)* em ponto, eu trago de volta. *(Olhando, à procura da imagem.)* Pode deixar que eu aviso toda a vizinhança. Vamos nos reunir em torno da cama dele, e rezar.

NICA Hoje a novena será aqui, na minha casa, dona Mercedes.

MERCEDES *(Olha em volta, não entendendo por que a imagem não se encontra no ateliê.)* - Eu entendo a sua devoção. Mas salvar a alma do Antônio é o que mais importa agora. Não sabemos até quando ele vai resistir. *(Abalada.)* Às vezes eu me pergunto o que é que o Antônio fez pra merecer tanto sofrimento. Um homem tão gentil..., tão atencioso..., não sei se merecia morrer. *(Muda o tom, entre decidida e eufórica.)* Mas se é isso que Deus quer, que assim seja. *(Eleva o tom, solene.)* A mim cabe colocar o Antônio no céu, essa é a minha missão! *(Procura a imagem pelo ateliê, olha pela porta dos fundos.)* Cadê a santa?

NICA A senhora não vai levar a santa.

MERCEDES Não entendi.

NICA Eu vou ser uma pouco mais clara, dona Mercedes. A senhora não vai tirar a santa da minha casa.

MERCEDES Eu preciso levar a santa!

- NICA Amanhã, às nove, em ponto.
- MERCEDES (*Reage.*) - Eu sou a coordenadora da novena! Eu é que determino pra onde a santa deve ir. E ela irá pra casa do Antônio. Agora!
- NICA Ele que vá procurar a santa em outro lugar. Santa é o que não falta nesta cidade. (*Ressentida.*) Todas adorariam ser beijadas por ele. (*Agressiva.*) Não a minha!
- MERCEDES A santa não é sua.
- NICA Até amanhã, às nove, ela é.
- MERCEDES O Antônio pertence à nossa novena. Ele tem que beijar a santa que está aqui na sua casa.
- NICA Pois ele vai ter que esperar.
- MERCEDES (*Pausa. Muda a estratégia de convencimento.*) - Você quer muito que a novena seja na sua casa, não é, Nica? Eu entendo o que se passa com você. Isso se chama (*Solene.*) o egoísmo da devoção. Eu também já me submeti a ele algumas vezes. Deixei-me cegar pelo excesso de devoção!
- NICA A senhora tem toda a razão, o excesso de devoção está me cegando.
- MERCEDES (*Tentando simplificar.*) - Coloque esse (*Enfático*) egoísmo a serviço da salvação da alma do Antônio e tudo estará resolvido!
- NICA Eu não faço a menor questão de salvar a alma do Antônio, dona Mercedes.
- MERCEDES (*Descontrola-se, começa a caminhar pela sala.*) - Onde está a santa, Nica? Eu quero a santa! Ela devia estar aqui, abençoando essas coisas profanas!... (*Em tom duro.*) Onde está?
- NICA No meu quarto.

- MERCEDES *(Indo para o quarto.)* - Com licença. *(Ouve-se Mercedes forçando o trinco da porta. Volta decepcionada.)* A porta está trancada.
- NICA Está.
- MERCEDES *(Retorna, derrotada.)* - Você está impedindo Deus de entrar em seu quarto?
- NICA Por enquanto, só a senhora.
- MERCEDES É a Deus que você está afrontando.
- NICA *(Desafiando-a fisicamente.)* - Se é assim, Deus que me perdoe, eu afronto Ele também!
- DONA MORA *(Atira uma laranja.)* - Niica!
- MERCEDES *(Atarantada, quase tropeçando.)* - Cadê a chave?
- DONA MORA Niica!
- MERCEDES *(Vai até a janela, mas não abre.)* - A ideia foi dela, não foi?
- NICA *(Em tom duro, vai até a porta lateral.)* - Não temos mais nada o que conversar, dona Mercedes. Saia da minha casa!
- MERCEDES *(Desprotegida, uma vez que não esperava a atitude de Nica. Implora.)* - Nica... O Antônio está morrendo...!
- NICA Não é problema meu.
- DONA MORA Maria Francisca!
- NICA Já estou indo, dona Mora! *(Tom firme, para Mercedes.)* Eu estou pedindo com educação, dona Mercedes. Saia da minha casa!
- MERCEDES Eu só estou me retirando, porque eu preciso me concentrar, pensar no que fazer. Mas, eu volto!
- NICA *(Mercedes sai, Nica bate a porta e sai para a cozinha.)* -

Inferno!

CENA III

- DONA MORA Maria Francisca! (*Apoiando-se junto ao muro. Pausa. Nica entra, braços cruzados, encosta-se ao portal, um tanto deprimida. Está sem o avental.*) Não dê ouvidos pra Mercedes, aquilo brocha até o pinto do diabo! (*Pausa. Carinhosa.*) Vai, abre essa janela, eu sei que você está aí. (*Pausa. Intrigada.*) Que é que deu naquele safado, resolveu virar beijoqueiro de santa! Teve a vida inteira pra se arrepender dos pecados, agora que a coisa está feia, quer dar uma de esperto! Deus não é besta! (*Pausa.*) Você também é outra bisca! Por que é que não entregou logo a santa? Aonde é que você e o Antônio estão querendo chegar com essa briga?
- NICA Ninguém está brigando, dona Mora.
- DONA MORA Então, decide logo o que você quer. Ou dá ou desce!
- NICA (*Abre a janela. Desafiadora.*) - Sabe o que eu quero? Que o Antônio se levante daquela cama e venha até aqui, na minha casa, me pedir a santa.
- DONA MORA Você está doida, ele não pode andar!
- NICA Eu sei.
- DONA MORA Então pra que esse lambe-e-morde? É pra empurrar de vez o coitado pra cova?
- NICA Coitado, aquilo?!
- DONA MORA Ih! Está braba feito o cão! Daqui a pouco vai sair latindo! (*Nica, de braços cruzados, anda feito uma fera acuada.*) Você está certa. O Antônio pode ser tudo, menos coitado. Viveu a vida que pediu a Deus, fornicou

com as mulheres que quis, enganou todas as que pôde, o safado! (*Intencional, jogando verde para colher maduro.*) Ele que venha te pedir perdão.

- NICA (*Reage.*) - Perdão de que, dona Mora?
- DONA MORA Pelo que ele te fez.
- NICA Ele não me fez nada.
- DONA MORA Então, por que esses latidos?
- NICA Eu não sou cadela!
- DONA MORA Você está me entendendo.
- NICA (*Rancorosa.*) - Quem a dona Mercedes pensa que é, pra vir me dizer o que eu tenho que fazer?
- DONA MORA O problema não é a Mercedes.
- NICA Eu sei, o problema sou eu, que ainda fico perdendo o meu tempo com o que não é da minha conta. Enquanto a Júlia está lá, em São Paulo, trabalhando duro pra vender os meus vasos. Por que é que eu não entreguei logo essa porcaria de santa...?
- DONA MORA Se formos pensar a coisa pelo lado certo, você é que devia levar.
- NICA (*Reage*) - Mas nem morta!
- DONA MORA Então, entrega pra Mercedes. É o que ela quer.
- NICA Não vou entregar. Dona Mercedes não pode ficar achando que manda em mim.
- DONA MORA Que mania é essa de achar que os outros mandam em você!
- NICA Se deixar, montam, dona Mora! (*Silêncio. Um tanto eufórica.*) Eu falei pra senhora que adoraram as minhas cores?

- DONA MORA Quinhentas vezes.
- NICA *(Pausa.)* - A senhora conhece Athos Bulcão?
- DONA MORA Quem?
- NICA Esquece.
- DONA MORA Fala direito comigo, menina! Tenho idade pra ser sua mãe!
- NICA Falta pouco pra eu cair fora desse fim de mundo. *(Raivosa.)* Pouco, muito pouco pra eu pegar o primeiro ônibus pra São Paulo.
- DONA MORA *(Censurando.)* - O cadáver do Antônio vai onde? No bagageiro?
- NICA Abro o bagageiro na primeira curva.
- DONA MORA *(Censurando.)* - Vai largar o defunto na beira da estrada?!
- NICA *(Alterada.)* - Quem me largou na beira da estrada foi ele!
- DONA MORA *(Vendo que encontrou o fio da meada. Cuidadosa.)* - Como assim te largou...?!
- NICA *(Raivosa.)* - Na primeira parada do ônibus. Disse que ia comprar água, e sumiu!
- DONA MORA *(Excitada, bate as palmas das mãos.)* - Eu sabia que nessa sopa tinha mosca! *(Estimulando.)* E onde foi isso...?
- NICA *(Pausa.)* - O Antônio decidiu ir embora pra São Paulo procurar uma banda pra ele cantar. Não dava mais pra ficar aqui, só tocando em bailes de formatura, festinhas, carnaval. O Antônio sempre falava em ir embora... Não tinha no mundo melhor vocalista que ele! Com certeza, ele ia se dar bem em qualquer lugar, eu não tinha dúvida. Mas ele só iria pra São Paulo se eu fosse com ele.

- DONA MORA E você aceitou na hora.
- NICA Se é pra ir, então vamos. Larguei tudo, fugi com ele! Eu só pensava no grande futuro que íamos ter juntos.
- DONA MORA Você convenceu ele a ir embora.
- NICA Não! Não, dona Mora! Ele queria ir. Mas só não me disse que estava com medo.
- DONA MORA Você devia ter percebido.
- NICA Eu só tinha dezessete anos!
- DONA MORA *(Conclusiva.)* - Você estava apaixonada.
- NICA Apaixonadíssima!
- DONA MORA *(Tomando as dores de Nica.)* - Aí o safado te deu o cano, o filho da puta! Eu estou começando a entender as suas raivas... Crocodilo safado!
- NICA Eu nunca tive medo de enfrentar a vida.
- DONA MORA Por isso convenceu o Antônio a ir pra São Paulo.
- NICA Ele tinha vinte e oito anos, dona Mora!
- DONA MORA *(Intencional.)* - Podia ter cinquenta.
- NICA Ele não chegará aos cinquenta.
- DONA MORA Vai faltar um.
- NICA Já viveu mais do que merecia.
- DONA MORA E você, uma bela mulher de trinta e oito anos, querendo jogar tudo fora. Por causa de uma garrafinha d'água!
- NICA A senhora não é a única que pensa assim.
- DONA MORA *(Posiciona-se.)* - Não quer entregar a santa, não entrega. Mas não se iluda. Aonde você for, o defunto irá com você.

- NICA Não no mesmo ônibus!
- DONA MORA (*Aponta o peito.*) - Aqui dentro, minha filha! O Antônio faz parte da sua história. Esse pedaço está aí, você não vai conseguir arrancar ele nunca! Não perca seu tempo. O Antônio está lá te esperando. Vai logo, sai correndo, agarra o fogo pelo talo!
- NICA Eu devia era ter continuado aquela viagem, sozinha. (*Ressentida.*) O inferno em São Paulo teria sido bem mais agradável. Mas eu voltei. E não me arrependo! Hoje eu tenho a minha arte... (*Emociona-se.*) Tenho a minha filha, a mais bela flor que eu plantei e cultivei. Que mais eu quero?
- DONA MORA Um homem.
- NICA A senhora fala como se a gente apanhasse homem em pé de laranja.
- DONA MORA Mas é em pé de laranja!
- NICA Apanhei uma laranja azeda demais!
- DONA MORA (*Provocativa.*) - Talentosa?
- NICA O que é que a senhora quer dizer com isso?
- DONA MORA Quero saber se ele tinha talento mesmo.
- NICA Lógico!
- DONA MORA Você está dizendo.
- NICA Todo mundo dizia.
- DONA MORA Eu nunca vi a Bertinha falar do talento do Antônio. E olha que ela é irmã dele!
- NICA (*Com deboche.*) - Por isso mesmo. É irmã.
- DONA MORA Eu não posso falar nada. Só peguei a fase do crocodilo tocando viola na rede.

- NICA Pena que a senhora nunca viu ele no palco. Eu vi! Cantava Legião, Paralamas, Titãs!... como ninguém. Tudo o que estava surgindo naquela época, ele cantava! Ele era o maior, dona Mora! *(Pausa)* Não tinha como não acreditar nele.
- DONA MORA Nele, ou em você?
- NICA *(Descontrola-se.)* - Nós estamos falando dele, dona Mora. Que merda!
- DONA MORA Não precisa gritar, nós só estamos conversando! Desde que eu cheguei aqui, nesses últimos dez anos, são sempre as mesmas músicas! Tim-tim pra cá, tim-tim pra lá, o crocodilo não mudava o repertório. Nesses últimos tempos então, nem isso. Encostou a viola e a bunda! Só não sei se encostou o pinto!
- NICA *(Enigmática.)* - O problema do Antônio não era a falta de talento. *(Reage.)* Quer saber. Chega de Antônio! Já me atrapalhou demais. Só pintei um vaso até agora.
- DONA MORA Vai lá pintar seus vasos! Aproveita e enfia a cabeça dentro deles!
- NICA Eu enfio mesmo, não devo nada a ninguém.
- DONA MORA A Júlia sabe que o Antônio está morrendo?
- NICA *(Agressiva.)* - Por que é que ela teria que saber?
- DONA MORA Ela não é filha dele?
- NICA De onde foi que a senhora tirou isso?
- DONA MORA É ou não é?
- NICA Não, dona Mora. Nem do Antônio, e muito menos do seu marido! *(Bate a janela.)*

CENA IV

- MERCEDES *(Batida de porta. Entra. Está agitada e emocionada.) - Com licença... O Antônio... inacreditável...! É outro homem! Muito mais belo! Seu rosto sereno flutua sobre o travesseiro, como se já estivesse a caminho do céu... (Gesto de quem se arrepia.) Seus olhos transbordam amor e resignação... Muita resignação! Ele renunciou a este mundo, Nica. (Agitada, começa a olhar em torno, feito um animal acuado.) Agora só nos resta cuidar da sua alma!*
- NICA Pra que essa conversa toda, dona Mercedes?
- MERCEDES *(Vai em direção do quarto, piedosa e farisaica.) - Cadê a nossa santinha...?*
- NICA *(Irônica.) - Descansando pra novena de hoje à noite.*
- MERCEDES *(Volta-se, agressiva.) - Se você pensa que eu vou desistir, está enganada. Enquanto eu estiver perseguindo os desígnios de Deus, eu não desisto!*
- NICA Os desígnios do Antônio, a senhora quer dizer.
- MERCEDES Deus fala pelo Antônio.
- DONA MORA Deus não é safado, Mercedes.
- MERCEDES Não se meta, dona Mora!
- DONA MORA Que história é essa agora, o Antônio nunca foi de igreja.
- MERCEDES *(Vai até a janela, desafiadora.) - O Antônio é outro homem.*
- DONA MORA Ficou mais safado do que já é?! *(Nica ri.)*
- MERCEDES *(Magoada.) - Vai lá a senhora mesmo ver. Os olhos dele estão tomados de um intenso brilho divino. Eu acabei de presenciar uma transformação, dona Mora.*

- DONA MORA Se já transformou, pra que a santa?
- MERCEDES Para que a transformação seja definitiva, ele precisa beijar a Mãe Santíssima de Deus!
- DONA MORA Quem disse isso?
- MERCEDES O Antônio!
- DONA MORA (*Irrita-se.*) - E você ainda acredita no que aquele crocodilo safado diz?
- MERCEDES (*Com despeito.*) - Acredito, dona Mora. Porque foi ele que me disse, aqui, pertinho do meu ouvido. Só eu ouvi, mais ninguém. Eu sou a única testemunha. (*Para Nica.*) Ele precisa beijar a santa.
- NICA Vai ter que esperar até amanhã.
- DONA MORA (*Interfere.*) - Amanhã, não! Negativo! Amanhã a santa vem pra minha casa.
- MERCEDES A santa vai pra onde eu quiser. (*Enfática.*) Eu sou a coordenadora da novena.
- DONA MORA Você devia era coordenar o inferno!
- MERCEDES (*Piedosa e inabalável.*) - As suas palavras não me atingem, pode blasfemar, eu não me importo.
- DONA MORA Nica, não entrega a santa praquele depravado! Deixa ele beijar a sogra do capeta!
- MERCEDES (*Vai em direção a Nica.*) - Você vai deixar dona Mora ficar dizendo o que você tem que fazer?
- DONA MORA Quem não quer entregar a santa é a Nica!
- MERCEDES A senhora fica buzinando no ouvido dela, pensa que eu não sei?
- DONA MORA Eu não sou pernilongo faminto pra ficar buzinando no ouvido de ninguém! Eu sei o meu lugar.

- MERCEDES *(Cresce, indo em direção à dona Mora.)* - Ah, sabe?! Por que a senhora acha que o Antônio ergueu aquele muro? Ele não aguentava mais ver a senhora bisbilhotando a vida dele. Dizem que até binóculos a senhora usava.
- DONA MORA E lá eu preciso de binóculos pra enxergar a vagabundagem daquele safado?
- MERCEDES Pergunta pra Bertinha!
- DONA MORA Safada igual o irmão.
- MERCEDES A Bertinha não é safada. Ela nem sai de casa. Dedicou a vida toda ao Antônio.
- DONA MORA Ela ocupou o lugar da Nica!
- MERCEDES *(Querendo fechar a janela.)* - A Nica não é irmã do Antônio!
- NICA *(Impede.)* - Na minha casa quem fecha janela sou eu, dona Mercedes.
- MERCEDES *(Farisaica, implora.)* - Nica, eu estou te pedindo um ato de amor divino...!
- NICA Amanhã, dona Mercedes.
- DONA MORA *(Apressa-se.)* - Depois de amanhã, Nica!
- MERCEDES *(Agoniada.)* - E se ele morrer?
- DONA MORA O Antônio não é besta, ele vai esperar.
- MERCEDES Deus quer o Antônio, e eu vou entregar o Antônio pra Ele!
- DONA MORA Duvido que Deus queira aquele traste inútil!
- MERCEDES *(As intervenções de dona Mora a está deixando insegura.)* - O Antônio não é inútil.
- DONA MORA Um bestalhão. Não soube cuidar nem das próprias

calças! Pensa que é gostosão, bota perfume até na bunda! Mas, e daí? Gastou a vida fumando, bebendo, jogando sinuca e comendo as sonsas das mulheres. Agora está aí. Esperneando por causa da única mulher que ele sempre quis. Essa sonsa que está aí.

MERCEDES Mentira! A senhora está querendo me confundir. É a santa que ele quer.

DONA MORA Que santa, Mercedes? Deixa de se fazer de besta.

MERCEDES *(Um tanto desnorreada, para dona Mora.)* - Só porque a senhora conheceu o Vaticano, pisou no túmulo de João Vinte e Três, acha que sabe tudo. A senhora não vai atrapalhar a minha missão! *(Vai até o quarto. Implora.)* Nica, em nome de uma alma que está prestes a ir ao encontro da verdade, eu ordeno. Me dê a santa.

DONA MORA Aquilo não tem alma.

MERCEDES Tem!

DONA MORA Se tem, o diabo escondeu.

MERCEDES *(Caminha. Insegura.)* - Talvez a mais bela alma que eu já vi... Pura, simples! Mas também desamparada. *(Aproxima-se de Nica, tenta mudar a estratégia.)* Nica, o Antônio é um homem refinado, acostumado às boas coisas da vida. Ele não está preparado pra aguentar o fogo do inferno!

DONA MORA Não se preocupe, Mercedes, ele acostuma rapidinho.

MERCEDES *(Vai em direção ao quarto, desaparece.)* - Eu não vou deixar o Antônio passar por isso. Eu abro essa porta, nem que seja à força! *(Ouve-se Mercedes forçando a porta, chuta-a várias vezes. Silêncio. Reaparece, mancando, ar de derrotada. Impotente, muda a estratégia. Retoma seu ar farisaico e solene.)* Sabe o que o Antônio me disse, com sua voz trêmula, que mal lhe saía da garganta? *(Reforçando a chantagem.)* Mercedes, eu quero dar dois beijos na santa. Um beijo será pra mim, o outro será... *(Olha pra a Nica, expelindo*

ciúmes.) pra Nica!

- DONA MORA (*Comemora.*) - A safadeza está ficando explícita!
- MERCEDES (*Sem ouvir.*) - E duas lágrimas cristalinas escorreram dos seus olhos...
- DONA MORA (*Vitoriosa.*) - O safado sabe fazer a coisa direitinho...!
- MERCEDES (*Sentindo que está perdendo o controle. Sonhando, lúbrica.*) - O Antônio me implorou. Mercedes, faça isso por mim... (*Séria.*) Vai lá e traga a minha santinha... Pra eu poder descansar em paz... (*Dramatiza.*) Eu preciso de um céu, Mercedes! Eu preciso de um céu! (*Capricha na chantagem.*) Nica, o Antônio escolheu você pra abrir a porta do paraíso...!
- DONA MORA (*Um tanto lúbrica.*) - Esse tem a língua do diabo! Meu Deus, que homem! (*Sentindo que Nica vacila, em tom de ordem.*) Nica, segure a chave. A coisa está ficando boa pra você.
- MERCEDES Cale a boca, dona Mora.
- DONA MORA Cala a boca você, cascavel! Devia era ter vergonha de fazer esse papel de mulher de recado! Sai do caminho. Deixa o safado comer a Nica em paz!
- MERCEDES (*Nervosa.*) - A senhora só pensa nisso!
- DONA MORA Quem pensa é o Antônio.
- MERCEDES (*Furiosa, vai até a janela.*) - O que dizem do Antônio é tudo mentira. O Antônio é um homem sério. As mulheres é que se aproveitaram dele. Por causa do seu dinheiro. (*Pausa. Agitada.*) E eu sei por que a senhora não gosta dele.
- DONA MORA (*Reage, incomodada.*) - Quem disse que eu não gosto daquele defunto fresco? Quem é que não gosta de homem bonito e safado? Nem perna de velha ele respeita. (*Lúbrica e safada.*) Eu adoro! Olhar não tira pedaço. E eu adoro...! Ou você acha que meus sessenta

e oito anos não servem pra mais nada. Eu ainda consigo abrir as pernas, Mercedes! Se for preciso, seguro o fogo pelo talo!

- MERCEDES Cruz credo, uma depravada!
- DONA MORA Nós somos mulheres, Mercedes!
- MERCEDES *(Doendo-se como mulher, descontrola-se. Tenta pegar a chave que imagina estar no bolso do vestido de Nica.) - Mulheres pecadoras, despudoradas, mundanas... (Volta-se para Nica.) Se você não quiser que seu corpo arda no fogo do inferno, me entrega essa chave, agora!*
- DONA MORA Não entrega, Nica!
- MERCEDES *(Nica se desvencilha. Reza.) - Eu rogo a Deus Todo-Poderoso que Ele amoleça o coração empedernido dessa mulher...*
- DONA MORA Você tem que amolecer é o pinto daquele safado!
- MERCEDES ... e que a dádiva da misericórdia e do perdão sejam concedidas ao Antônio como um prêmio divino...
- DONA MORA O Antônio virou o que agora, padroeiro do inferno?
- MERCEDES ... e que Deus vele também pela alma pecadora da nossa piedosa vizinha, dona Mora...
- NICA *(Pega a chave do quarto no bolso do vestido. Entregando a chave.) - Aqui está a chave, dona Mercedes! Pegue a santa e desapareça da minha vida! (Mercedes, açodada, pega a chave, vai até o quarto, abre a porta, pega a santa e sai correndo, sem nada dizer.)*

CENA V

- DONA MORA *(Caminha ao longo do muro, querendo falar com Nica. Decepcionada.)* - E eu que pensei que você fosse boa de briga. Que fosse segurar a santa até o final. Mas não. Igual às outras. Esperneia, discursa, jura mil vezes, pra depois... puft!, cair de quatro!
- NICA *(Entra.)* - Ele não vai beijar a santa.
- DONA MORA *(Esforça-se por ver Nica através da janela.)* - Também se beijar, bem feito. Vai ser o último pé na bunda que você vai levar do Antônio.
- NICA *(Nervosa.)* - Dou cinco minutos pra dona Mercedes trazer a santa de volta.
- DONA MORA Eu não teria tanta certeza.
- NICA *(Autoconfiante)* - Eu sei o que eu estou fazendo.
- DONA MORA Esqueci. Ela sempre sabe o que faz.
- NICA Sei mesmo!
- DONA MORA *(Nervosa, porque ainda não conseguiu compreender a atitude da Nica.)* - Você acha que a Mercedes vai trazer a santa de volta, depois de tudo o que ela fez pra levar?
- NICA Dona Mercedes faz o que o Antônio quer.
- DONA MORA *(Angustiada.)* - Já se passaram dez minutos!
- NICA Dois, dona Mora!
- DONA MORA *(O nervosismo e a irritação levam as duas a começarem a se agredir.)* - Você é que tinha que ter levado a santa. Mas ficou com medo!
- NICA Olha só quem está falando.
- DONA MORA Eu não tenho medo de homem.
- NICA A senhora esperou seu Abelardo morrer pra viajar. Por que é que não viajou quando ele estava vivo?

- DONA MORA Ele não gostava de viajar.
- NICA Mas a senhora gostava.
- DONA MORA Eu não queria ir sozinha.
- NICA Mas agora a senhora vai.
- DONA MORA Naquela época era diferente.
- NICA *(Sarcástica, maldosa.)* - O dinheiro era dele.
- DONA MORA *(Ataca.)* - E você? Por acaso foi pra São Paulo?
- NICA Eu voltei para buscar o Antônio.
- DONA MORA *(Conclusiva.)* - Você é que queria ir, não ele.
- NICA *(Insegura, reage.)* - Eu queria ir, sim! Nunca neguei. Mas por causa dele! *(Pausa.)* Não tenho culpa se ele passou a vida tomando sol feito um crocodilo sarmento, como diz a senhora. *(Ressentida.)* Que morra como nasceu, sem ter conseguido nada. Sofrendo a humilhação de ficar encostado no dinheiro do pai. *(Pausa.)* Esse arrependimento eu não tenho, dona Mora. Eu fui até o fim. Por uma simples razão. Eu era uma menina de dezessete anos perdidamente apaixonada!
- DONA MORA *(Segura de si.)* - Paixão ou conveniência?
- NICA Era ele quem tinha talento, não eu!
- DONA MORA Talento ou dinheiro?
- NICA Dane-se o dinheiro do Antônio! Eu nunca quis a merda daquele dinheiro podre! *(Agressiva, aproxima-se.)* Por que é que eu tenho que ficar dando satisfação da minha vida pra senhora? Quem olha, pensa que a senhora viveu ao lado de um príncipe encantado. Seu Abelardo devia ser um bosta de homem, como todos que tem por aí! Ou vem me dizer que a senhora nunca desejou que ele morresse?
- DONA MORA *(Descontrola-se.)* - Eu não sou você!

- NICA Pois eu quis matar o Antônio, sim! Passei várias noites acordada pensando em como eu poderia acabar com aquele desgraçado. *(Está abalada, como se dissesse para si mesma.)* O Antônio já viveu demais.
- DONA MORA Quero ver aonde é que você vai chegar com tudo isso.
- NICA *(Abaixa o tom, enfraquecida e introspectiva.)* - Eu entendia o medo do Antônio. Para mim isso não o tornava menos homem. Não é fácil alguém deixar todo aquele conforto, pra se jogar no escuro... Mas eu ia estar sempre ao lado dele... *(Pausa. Emociona-se.)* Eu esperei por ele, naquele sábado, o dia todo. Ele sabia que eu tinha voltado. Eu tinha certeza que ele viria me procurar. *(Pausa.)* Mas ele não apareceu. À noite, eu fui atrás dele, carregando nas minhas pernas as marcas do cinto do meu pai. Fui procurar o Antônio no Bar do Pipoca. Era lá que nos encontrávamos todos os dias. Lá estava ele, na mesma mesa. *(Emociona-se, depois começa a chorar.)*
- DONA MORA Eu posso imaginar...
- NICA *(Agressiva.)* - Não, não pode!
- DONA MORA Eu também sou mulher!
- NICA Então a senhora sabe que não se faz isso com uma mulher, não sabe, dona Mora?
- DONA MORA *(Curiosa.)* - Quem estava com ele?
- NICA A filhinha do prefeito, quem mais? A gostosona! Afinal, a Nica, a filha do empregadinho da prefeitura, tinha que ser colocada no seu lugar.
- DONA MORA ... safado!
- NICA *(Começa a rir, nervosa.)* - Quebrei tudo o que eu via pela frente! Voou cadeira lá no meio da rua! Cheguei perto dele e disse, bem alto, pra todo mundo ouvir. Eu vou ficar te esperando lá na rodoviária, Antônio... Eu estou lá, te esperando. *(Pausa.)* Esperei dois dias, dona

Mora.

DONA MORA *(Admirada.)* - Dois?!

NICA Nem meu pai me tirou de lá.

DONA MORA Você é tihosa como o cão!

NICA O que mais eu podia fazer?

DONA MORA Por que é que você veio morar aqui nessa casa?

NICA Coincidência.

DONA MORA Não foi coincidência!

NICA Eu podia ter ido morar em qualquer outro lugar.

DONA MORA Por que é que não foi?

NICA Essa foi a casa que meu dinheiro podia comprar.

DONA MORA Que você quis comprar. Isso aqui é um bairro rico!

NICA Eu tinha o dinheiro, ganhei com o meu trabalho!

DONA MORA Chegou até aqui, por que é que não anda mais cinquenta metros? É só o que te falta.

NICA *(Começa a ficar impaciente com a demora da dona Mercedes.)* - Eu já cheguei até onde eu queria. Foi o suficiente.

DONA MORA Pra matá-lo.

NICA Eu não estou matando o Antônio. Ele está morrendo sozinho.

DONA MORA Você deve ter feito alguma coisa pra ele ter ficado desse jeito.

NICA *(Irritadíssima, afasta-se.)* - Por que é que a Júlia não me liga? *(Vai até a porta lateral.)* Eu odeio ficar esperando...!

- DONA MORA Pra quem esperou vinte anos, você está muito impaciente.
- NICA Um dia eu quero levar a senhora comigo pra Nova Iorque.
- DONA MORA Eu já conheço Nova Iorque.
- NICA A senhora vai pra ver a exposição dos meus trabalhos.
- DONA MORA Me dá vontade de pular esse muro e te dar uns tabefes na cara! (*Vendo que Nica vai falar, apressa-se.*) Será que você não está enxergando o que está acontecendo? A vida se vive aqui, agora! Eu desejei a morte do Abelardo, sim! Eu achava que a culpa era toda dele. Que eu não vivia por culpa dele. Não viajava por culpa dele! O Abelardo nunca me mandou um buquê de flores sequer, durante nossos quarenta e dois anos juntos. Quarenta e dois anos esperando por um buquê de flores! Você acha que um homem como esse não merece morrer? Meu Deus, até hoje eu me faço a mesma pergunta. O que é que eu deixei de fazer pra que o Abelardo nunca me mandasse um buquê de flores?
- NICA Não venha me dizer que a senhora está se sentindo culpada por isso.
- DONA MORA A questão está em nós, mulheres, sim! (*Recompõe-se.*) Eu sempre quis fumar... Dar umas baforadinhas... Que nem aquelas atrizes de cinema. Mas eu nunca tive coragem. Não podia, era feio. Hoje a mulherada fuma maconha até na esquina! Estou eu aqui, com os meus sessenta e oito anos, ainda pensando se devo fumar! Que merda de mulher eu sou? Nunca pude alisar o pau do meu marido, aquela coisa macia e dura que foi feita pra nós! (*Brava.*) Pra nós, mulheres românticas, sonhadoras...! (*Emocionada.*) Será que o Abelardo não esperou durante quarenta e dois anos que eu o acariciasse...? Se eu pudesse voltar atrás!
- NICA O que a senhora diz não me faz mudar o que eu penso.
- DONA MORA Eu sei! Você enfiou a cabeça na areia, feito uma

avestruz, e não quer enxergar mais nada. Fique com seu ódio, que eu fico com meu arrependimento! Corri o mundo, conheci tudo, inclusive os telhados da Toscana, meu grande sonho! Adoro ver telhados europeus...! (*Uma certa auto-piedade.*) Mas continuo com vontade de fumar. Podia fazer isso sozinha, aqui dentro da minha casa, sem ninguém. Mas..., nem escondida! (*Emociona-se. Respira.*) Você é exatamente igual a mim, uma cagona! Tira sua força do ódio e pensa que é forte!

- NICA Mas eu sou forte.
- DONA MORA (*Desafiadora.*) - Cadê a Mercedes? Já se passaram vinte minutos!
- NICA Não tenho pressa.
- DONA MORA (*Expelindo superioridade feminina, implora.*) - Faltam cinqüenta metros, Nica, só isso, pra você chegar aonde você sempre quis. Cinqüenta metros! Lá está a sua história. Você não veio até aqui pra matá-lo. Eu sei que não foi pra isso que você comprou essa linda casa! (*Quase implorando.*) Meu Deus, vá lá, antes que seja tarde!
- NICA Eu estou esperando a dona Mercedes.
- DONA MORA Ela não virá, sua tonta!
- NICA (*Vaticina, de uma forma assustadora.*) - Ela virá, dona Mora. (*Sai para a cozinha.*)
- DONA MORA (*Confusa.*) - Afinal de contas, Nica, que mulher é você?

CENA VI

- MERCEDES (*Batida forte na porta. Nica se apressa em abrir. Mercedes entra, um pouco abatida, mas aparentemente*

decidida.) - O Antônio não quis beijar a santa... A santa que eu levei pra ele...

NICA Não quis beijar por quê?

MERCEDES Foi o que eu me perguntei. Às vezes a gente demora pra entender o que acontece... (*Pausa.*) Estava indo tudo tão bem...! Seus olhos tinham o mesmo brilho intenso de antes... Seu corpo flutuava... Eu estendi a imagem diante dos seus lábios... O Antônio chegou a tocar a face da santinha com sua mão trêmula... Ele ia beijar! (*Emocionada.*) Mas aí..., fixou seus intensos olhos azuis em mim e me perguntou. É da Nica? (*Pausa.*) Agarrou meu braço e me perguntou de novo. É a santa da Nica, Mercedes?! (*Abalada. Solene.*) Depois perguntou pela terceira vez... Eu quero saber se é da Nica!

NICA (*Pausa.*) - E o que foi que a senhora respondeu?

MERCEDES Sim, Antônio, é a santa que estava na casa da Nica.

NICA (*Ansiosa.*) - E ele não quis beijar...?

MERCEDES Não. Continuou me olhando. (*Magoada.*) Era como se ele não acreditasse no que eu estava dizendo. Seu coração batia forte, ele ofegava... Eu aproximei a imagem, quase tocando seus lábios, mas ele não se movia. (*Tentando relaxar, muda o tom, agora confiante.*) Ainda bem que ele não beijou. Porque, assim, ele me fez uma revelação.

NICA (*Preocupada.*) - Que revelação, dona Mercedes?

MERCEDES (*Magoada.*) - Será que ele estava achando que eu tinha trocado a santinha?

NICA A senhora faria isso?

MERCEDES Como é que eu ia mentir pro Antônio? Eu, sua amiga de infância, que estive a seu lado nos momentos mais difíceis...! (*Enche-se de devoção.*) Fiquei pensando... Por que é que ele está se recusando a beijar a Mãe Santíssima que eu estou lhe oferecendo? (*Um tanto*

manhosa.) Antônio, você precisa beijar a santa... Pelo amor de Deus! (*Pausa.*) Sabe o que ele me disse, rindo, carinhosamente? Você já é uma santa, Mercedes! A Nica, (*Ênfase.*) ainda não! (*Iluminando-se.*) Foi um momento iluminado. Eu entendi tudo!

NICA (*Não disfarça a curiosidade.*) - Entendeu o que, dona Mercedes?!

MERCEDES (*Sem dar ouvidos a Nica.*) - O meu egoísmo! Eu achava que só eu é que merecia oferecer a santa pra ele. Mas eu não sou a única! E foi isso que o Antônio me mostrou. (*Solene, volta-se para Nica.*) Eu não estava olhando pra você, Nica! Como se eu não soubesse o que você fez!

NICA Aonde é que a senhora quer chegar com essa conversa?

MERCEDES (*Afasta-se de Nica, aumenta o drama.*) - O Antônio me implorou! Só você pode me ajudar, Mercedes! Vai lá e devolve a santa pra Nica! Mas Antônio, a santa está aqui...! Sabe o que ele me disse? Eu quero que ela venha pessoalmente trazer a santa pra eu beijar. Depois, docemente, ele empurrou a santa contra o meu colo e fechou os olhos. Foi aí, então, que eu percebi tudo!

NICA (*Na defensiva.*) - Eu também já entendi. A senhora é a amiguinha de infância. O direito de salvar o Antônio é da senhora.

MERCEDES Não é o Antônio que está precisando de salvação. É você, Nica! Essa é a revelação!

NICA Quem está morrendo é o Antônio.

MERCEDES Veja como o Antônio é um homem generoso! (*Solene.*) Nica, ele quer te salvar! Por isso ele não quis beijar a santa! Você é que tem que ir lá, oferecer a santa pra ele, não eu! (*Empolga-se, como se um demônio tomasse conta do seu corpo.*) É pra isso que eu estou aqui. Eu vim te buscar. Neste momento, a santa está protegida, em lugar seguro e desconhecido. Quando você estiver na porta da casa do Antônio, ela será colocada em suas mãos! E quando ele beijar a santa que você mesma terá

oferecido, acontecerá o milagre! (*Pausa solene. Nica se afasta, como se fosse receber o raio do demo!*) O Antônio estará te transformando numa mulher digna!

- NICA (*Descontrola-se.*) - Fora de minha casa!
- MERCEDES (*Eleva o tom.*) - Uma mulher honrada, Nica!
- NICA (*Empurra Mercedes.*) - Dona Mercedes, pelo amor de Deus, vai embora...!
- MERCEDES (*Aproveitando-se da instabilidade de Nica, maldosa, ataca.*) - Existem outras revelações.
- NICA Eu não quero ouvir!
- DONA MORA (*Aproxima-se, preocupada.*) - Nica!
- MERCEDES Não foi o Antônio que te engravidou. Ele nunca encostou um dedo em você!
- DONA MORA (*Aproxima-se, lamentando em voz alta, quase aos prantos.*) - Mercedes, o que é que você está fazendo aí, mulher? O Antônio está morrendo! Corre, desgraçada! Antes que o defunto bote os dois pés na cova!
- MERCEDES (*Mercedes, assustada, abre a janela. Repreende a atitude de Deus.*) - Mas como! Ainda não é a hora de o Antônio morrer.
- DONA MORA E lá defunto escolhe hora pra morrer?
- MERCEDES Ele ainda nem beijou a santa!
- DONA MORA (*Irrita-se.*) - O que é que você está esperando, mulher? Vai lá e enfia logo a santa na boca do safado!
- MERCEDES (*Em transe, feliz, como se tivesse recebido uma revelação.*) - Enfiar a santa na boca do Antônio, com mais força e determinação?
- DONA MORA Sem dó! Enfia, que o safado beija.
- MERCEDES A senhora acha que eu estou sendo tímida...?

DONA MORA Homem é bicho manhoso.

MERCEDES Meu Deus, obrigada por mais essa revelação! (*Sai, apressada.*)

CENA VII

DONA MORA Xô, satanás! (*Para. Olha para Nica.*) Que cara é essa? Não se preocupe, o defunto está mais vivo do que nunca.

NICA Eu sei.

DONA MORA (*Arremeda.*) - Eu sei! Me irrita essa sua mania de achar que sabe tudo!

NICA (*Sem se abalar.*) - Falta ele me pedir pra ir lá.

DONA MORA Mas é só o que ele tem feito até agora!

NICA Eu quero que ele peça com todas as palavras.

DONA MORA O Antônio, te pedir pra ir lá? Mas nunca! Aquilo nem na sua cara olha! (*Ressentida.*) Detesto gente que anda de lado.

NICA (*Desconfiada.*) - A senhora foi lá, dona Mora?

DONA MORA (*Rancorosa, resmungando.*) - Defunto abusado...!

NICA (*Censurando.*) - Dona Mora!

DONA MORA (*Disfarça.*) - Ele pensa que é o quê? O Rei da Escócia? (*Irritada.*) Só Deus sabe o favor que eu estou fazendo praquêle depravado... Fico aqui, gastando meu verbo, pra ver se você abre logo essas pernas, e o que é que o crocodilo faz? Me chama de velha alcoviteira! Alcoviteira são as negas dele! Chuta logo o safado pra cova, Nica! E cova rasa! Pra urubu não ter trabalho de

comer!

NICA *(Fria, mas sem esconder a irritação.)* - O que é que a senhora foi fazer lá?

DONA MORA *(Muito braba.)* - O que é que eu fui fazer lá... Vamos ver se você consegue adivinhar? Ou você também acha que eu sou alcoviteira? *(Pausa.)* Eu não sou dessas oferecidas que ficam passando perfume em bunda de crocodilo! *(Expelindo ódio.)* Tomara Deus que morra cagado, pra entrar no inferno fedido! A primeira coisa que eu vou fazer depois que o defunto enfiar os dois pés na cova é explodir aquele muro. Não vai ter mais vagabundo deitado do outro lado, escancarando a bunda pro sol! Porque essa foi a única coisa interessante que ele fez na vida. Tostar a bunda! *(Caminha, impressiona como está visivelmente abalada. Resmungando.)* Não sei por que ainda me presto a isso... *(Pausa. Confessa.)* Fui lá sim! Fui lá perguntar se ele é o pai da Júlia.

NICA *(Reage, agressiva.)* - Depois diz que não é alcoviteira!

DONA MORA Sua sonsa malcriada, me respeita. Ou você acha que eu não tenho idade pra te quebrar pelo menos um dente? Eu não sou mulher de ficar pipocando de porta em porta, feito carteiro! Se ele não quer dizer a verdade, não diz. Mas não tinha o direito de me mandar tomar no cu! *(Pausa.)* Dane-se se você dormiu com aquele John Lennon caipira, o problema é seu!

NICA Eu não dormi com o Antônio.

DONA MORA De onde veio a Júlia, então?

NICA Não é da conta de ninguém!

DONA MORA Desde que eu te conheço, nesses quatro anos, é sempre a mesma coisa. Acorda emburrada, vai dormir emburrada. Tudo isso por causa de uma foda? *(Pausa intencional.)* Quem é que aguenta ficar o tempo todo roendo borda de prato pelos cantos!

NICA É o meu jeito.

- DONA MORA Jeito é feito! E o que é feito, pode ser refeito, basta querer. (*Pausa. Abaixa o tom.*) Não conheço sua história, mas sei que você passou esses vinte anos rodeando a casa do Antônio. Tanto rodeou, que aqui está, bem do ladinho dele. Meu Deus, você levou vinte anos pra matar o Antônio. Se as mulheres tivessem tanta paciência pra outras coisas, seriam rainhas! (*Apressa-se, brava.*) Não fecha a janela na minha cara. Eu não calo a minha boca enquanto eu não conseguir te levar pra cama do Antônio.
- NICA (*Irônica.*) - A senhora quer mesmo que eu vá lá me oferecer pra ele mais uma vez?
- DONA MORA Você tem outra opção?
- NICA (*Em tom duro.*) - Tenho! Ir pra São Paulo.
- DONA MORA Lógico! Morto o Antônio, nada mais te prende aqui.
- NICA Exatamente.
- DONA MORA Só tem uma dor que a mulher realmente não suporta. Além da perda de um filho. É a rejeição de um homem! (*Conclusiva, manipula, com desdém.*) O que me leva a crer que o Antônio não comeu sua perereca. A Mercedes acredita nisso, com toda a fé da sua alma. Quem sabe ela tenha razão!
- NICA (*Agressiva.*) - O que é que a senhora acha?
- DONA MORA Você já estava grávida quando ele te largou na beira da estrada?
- NICA Não!
- DONA MORA Então, a Júlia é filha de quem?
- NICA A Júlia não tem pai.
- DONA MORA Filha de chocadeira?
- NICA Ela é minha filha!

DONA MORA *(Ataca.) - Quem é o pai? (Nica se cala.) Saiu do bar do Pipoca e foi abrir as pernas pro primeiro cachorro que encontrou na rua... Foi isso que aconteceu?*

NICA *(Com despeito.) - Quem garante?*

DONA MORA *O que é que o Antônio fez quando soube que você estava grávida? (Nica bate a janela. Encosta-se à janela por alguns instantes, em seguida sai apressada pela porta dos fundos.) Por que é que você nunca deixa a conversa chegar até o final? Está com medo de quê? (Procura algo no chão que possa jogar. Está visivelmente agitada. Carinhosa.) Niica...!!! (Em tom de ordem, que chega a ser cômico.) Abre essa janela, sua cadela parida! (Emotiva, volta ao carinho.) Podíamos ir pra chácara, você e eu... Hoje. Agora, que tal? Podemos ficar longe dessa confusão... Tomar um licorzinho de laranja à beira da piscina, a bunda virada pro sol! Podemos ficar lá até o Antônio morrer... (Vê Mercedes descendo a rua. Resmunga pra si mesma.) Ah, Meu Deus, a jararaca vai atacar de novo...! (Vê que Mercedes está olhando para sua casa. Mercedes está visivelmente querendo falar com dona Mora. Apressa-se, entra em casa e reaparece na porta da frente, desce a escada e abre o portão da rua.)*

CENA VIII

MERCEDES *(Feliz e aliviada ao ver dona Mora.) - Dona Mora... Eu sei que a senhora é uma boa vizinha, piedosa... Mas agora chegou o momento de provar a sua amizade... Por mim e pelo Antônio.*

DONA MORA *O que é que o safado quer dessa vez?*

MERCEDES *(Ofendida.) - O Antônio não é safado!*

- DONA MORA *(Impaciente.)* - Vai, diz logo o que você quer!
- MERCEDES Nosso Antônio perdeu a razão! Ele está delirando... Seus olhos parecem duas labaredas em fogo! Eu vi ódio e desespero naqueles olhos azuis... Uma visão terrível...! A senhora tem que me ajudar a convencer aquela endemoninhada a ir até a casa dele. Nem que pra isso tenhamos que carregar o capeta à força!
- DONA MORA *(Desanimada.)* - Melhor o Antônio ir logo pro inferno.
- MERCEDES O Antônio quer beijar a Nica!
- DONA MORA *(Apoia-se no muro.)* – O queeê...!?
- MERCEDES *(Desesperada, em tom de segredo.)* - Ele pensa que a Nica é a santa...!
- DONA MORA *(Falando mais para si mesma.)* - Danou-se!
- MERCEDES Ele começou a se debater na cama e a gritar, com as poucas forças que ainda lhe restam. Traz a Nica aqui, Mercedes! Eu quero beijar a Nica! *(Repete, dramática.)* Eu quero beijar a Nica! Depois me agarrou o braço e disse... *(Emudece.)*
- DONA MORA *(Agoniada.)* - Fala, mulher!
- MERCEDES Se ele não beijar a Nica antes de morrer... *(Quase ao choro)*, ele vai ofender a Deus...!
- DONA MORA Ofender como?!
- MERCEDES O que foi que essa mundana fez com o Antônio, dona Mora?
- DONA MORA *(Curiosíssima.)* - Mercedes, o que o defunto quer fazer com Deus?
- MERCEDES *(Ainda mais abalada.)* - Ele me disse que não se responsabiliza por ter que mandar Deus tomar naquele lugar...
- DONA MORA Virgem Santíssima, a coisa está feia! Mandar uma velha

como eu, tudo bem, mas Deus...?! Vamos lá resolver logo isso. (*Caminha, apressada, em direção à casa de Nica.*)

MERCEDES (*Agoniada, acompanha.*) - Não podemos perder a alma do Antônio, dona Mora!

DONA MORA Já está perdida!

CENA IX

DONA MORA (*À porta da casa de Nica.*) - Maria Francisca! Abre essa porta!

NICA Pode entrar.

DONA MORA (*Ela e Mercedes entram. Para Mercedes.*) – Deixa que eu cuide desse assunto.

MERCEDES Esse assunto é meu. Eu é que vim buscar a Nica.

DONA MORA Então por que é que você me pediu ajuda?

NICA (*Convidando Dona Mora para ir ver os vasos.*) - Vem que eu quero mostrar pra senhora o que aconteceu com o meu vaso.

DONA MORA Agora não é hora de pensar em vaso.

NICA Ele está quebrado.

DONA MORA Quebrou, faz outro.

NICA (*Em transe.*) - Eu ouvi um barulho. Pensei que fosse o vento. Mas era o vaso que eu tinha acabado assar.

MERCEDES (*Para Nica.*) - Nós viemos buscar você!

- DONA MORA *(Irritada.)* - Calma, Mercedes!
- MERCEDES *(Com nojo. Para Nica.)* - O Antônio quer te beijar.
- DONA MORA Cala a boca!
- MERCEDES *(Descontrolada.)* - O Antônio está delirando!
- DONA MORA Ah, meu Deus, eu tenho que agüentar tudo de uma vez só! Bota nessa sua cabeça dura, Mercedes! O Antônio quer a Nica!
- MERCEDES Por que é que o Antônio iria querer a Nica? Depois de tudo o que ela fez com ele?
- DONA MORA Paixão, Mercedes, paixão! O Antônio está apaixonado pela Nica! Sempre esteve. Vai morrer, se arrependeu, sabe-se lá do quê. E virou essa merda.
- MERCEDES *(Transtornada, começa a andar pela sala.)* - Não é verdade... A senhora também está delirando!
- NICA *(Grita.)* - Eu quero saber por que é que meu vaso está quebrado. Que barulho foi aquele que eu ouvi...
- MERCEDES Eu sou vizinha do Antônio desde criança. Brincávamos juntos, o tempo todo. Subíamos nos pés de manga... Eu conheço o Antônio. *(Desespera-se.)* É tudo mentira! O Antônio nunca teve relações com mulher nenhuma!
- DONA MORA A mim ele não comeu, é a única coisa que eu sei.
- MERCEDES *(Em total devaneio.)* - Só eu entendo o Antônio. O que as outras dizem é tudo mentira. As mulheres é que sempre se aproveitaram dele. Ouviam o Antônio cantar e imaginavam coisas! *(Para Nica.)* E você é a pior de todas! *(Em total devaneio.)* Eu me lembro, eu estava sentada na cozinha, conversando com a Bertinha, quando o Antônio entrou. Ele foi até o filtro, encheu o copo de água, depois ficou parado, olhando pra nós. Eu olhei pra Bertinha, nós sabíamos que alguma coisa ruim tinha acontecido com ele. Aí ele atirou o copo contra a parede, e falou duas vezes. O que essa mulher está

fazendo comigo? Meu Deus do céu! O que eu vou fazer? *(Para dona Mora.)* Ele estava se referindo a Nica *(Para Nica.)*, nós sabíamos que ele estava falando de você. *(Para dona Mora.)* Essa aí colocou na cabeça do Antônio que ele tinha que ir embora. Que ele seria o maior cantor do Brasil! O Antônio só cantava pra passar o tempo. Mas essa aí queria que ele abandonasse a família, enganando o pobrezinho! Quis levar o filho pra longe da sua mãe, dona Josefa, que Deus a tenha! Você enfeitiçou o Antônio. Você estava era de olho no dinheiro dele! Pensa que nós não sabíamos? Pergunta pra Bertinha. *(Pausa. Encara dona Mora. Com desprezo, enfrenta Nica.)* Ela engravidou de um sujeito qualquer, que ninguém nunca soube quem é, e saiu dizendo pra todo mundo que estava grávida do Antônio!

DONA MORA *(Tomada de curiosidade e censura.)* - É verdade, Nica?

MERCEDES *(Agressiva, e agora mais segura.)* - Você se acha melhor do que nós! Mas você é a pior de todas! Eu só aceito o Antônio beijar você, porque ele estará pensando que está beijando a santa! Se é pela salvação da sua alma, que assim seja! Mas eu *(Bate no peito.)*, Mercedes, sei quem ele estará beijando!

NICA *(Deprimida, ainda em transe, caminha, lenta.)* - Como é que eu vou consertar o vaso...? Não tenho mais tempo. Logo o ônibus vai partir... Eu preciso estar pronta, chegou a hora.

DONA MORA Você vai pra casa do Antônio comigo.

MERCEDES Eu é que vou levá-la!

NICA *(Estranhamente eufórica, volta-se para dona Mora.)* - A Júlia já assinou o contrato. Eu não contei pra senhora, mas ela já assinou! Eu tenho que ir...

MERCEDES Essa endemoniada está querendo fugir!

DONA MORA Cala essa boca, Mercedes! *(Percebendo que alguma coisa está errada.)* Nica, o que é que está acontecendo com você? Olha pra mim!

- NICA *(Séria, mas distante.)* - Agora eu vou ser feliz, não vou, dona Mora...?
- DONA MORA Nica, você está me ouvindo? *(Sentindo algo.)* O que é que deu nessa menina?!
- MOLEQUE *(Na rua, à porta da casa da Nica. Voz engraçada, ritmo atropelado e monocórdio.)* - Dona Mercedes, dona Mercedes! A dona Bertinha está chamando a senhora. O Antônio morreu!
- MERCEDES *(Entra em desespero.)* - O Antônio, dona Mora, será que ele morreu?
- MOLEQUE *(Na rua.)* - Dona Mercedes! Dona Mercedes!
- DONA MORA Lá se foi, acabou de vez.
- MERCEDES *(Volta-se furiosa para Nica.)* - O Antônio está morto, desgraçada. *(Vai saindo, volta-se.)* Melhor assim. Eu não vou ser obrigada a ficar vendo o Antônio te beijar. *(Sai correndo, em desespero.)*
- MOLEQUE *(Na rua. Afirmativo, vendo Mercedes.)* - Dona Mercedes.

CENA X

- DONA MORA *(Aproxima-se de Nica.)* - Até que enfim você conseguiu. Parabéns, Francisca!
- NICA Eu quero ficar sozinha, dona Mora. Me deixa sozinha!
- DONA MORA Quer dizer que eu estava certa. A Júlia é filha do Antônio.
- NICA *(Reage.)* - Não!

DONA MORA Você disse pra ele que era.

NICA Eu queria o Antônio!

DONA MORA Então você mentiu.

NICA Eu amava o Antônio mais do que qualquer coisa nesse mundo!

DONA MORA Não se resolvem as coisas com mentira. Olha no que foi que deu tudo isso.

NICA Ele teve o que mereceu.

DONA MORA Só por que ele não quis assumir a mentira?

NICA *(Agressiva.)* - Que mentira?

DONA MORA *(Recua, irônica.)* - Pra que essa pose de santinha agora?

NICA Eu nunca fui santa, dona Mora! Porque eu nunca precisei abaixar minha cabeça pra ninguém. E não abaixo!

DONA MORA Isso não é mágoa, isso é capricho, o que é pior!

NICA Pensa o que a senhora quiser.

DONA MORA Você me assusta...! Você me dá nojo...! É mais cadela do que eu desconfiava.

NICA A senhora está dentro da minha casa!

DONA MORA A Júlia é ou não é filha do Antônio? Só me responde isso.

NICA Eu fui procurar o Antônio, eu disse que o filho era dele sim!

DONA MORA E o coitado acreditou.

NICA Ele me pediu uma semana pra ver o que ele ia fazer.

DONA MORA *(Censurando.)* - Levou ele na conversa...

- NICA *(Se auto-ironizando, como forma de se proteger, de esconder a verdade dos fatos.)* - Eu sou ótima pra enganar. Ninguém engana melhor do que eu. O Antônio me pediu pra que eu mantivesse segredo. Que eu não contasse pra ninguém. Aquilo era uma coisa muito importante. Um momento especial, dona Mora! *(Pausa.)* Passaram-se dois, três, quatro dias! *(Silêncio.)*
- DONA MORA *(Curiosa, estimula.)* - E daí?
- NICA Daí que apareceu um cara lá no trabalho do meu pai, na prefeitura. O tio do Antônio era o prefeito na época. E meu pai, um simples motorista! O rapaz chegou pro meu pai, todo respeitoso, e disse que era o pai do meu filho. E que estava disposto a se casar comigo! *(Abalada.)* Imagina como meu pai ficou... Ele nem sabia que eu estava grávida! Eu não tinha a menor idéia de quem era aquele homem! Mas meu pai não acreditou em mim. Exigiu que eu me cassasse com ele. *(Silêncio.)* No dia seguinte, apareceu outro homem, também lá na prefeitura... Esse bem mais velho. *(Começa a chorar.)* dizendo que era o pai do meu filho. Estava disposto a assumir a paternidade. Contou detalhes do que tinha acontecido. E pra provar que falava a verdade, deu detalhes do meu corpo! Do meu corpo! *(Agitada, eleva o tom.)* No dia seguinte... *(Nica tenta controlar o choro.)*
- DONA MORA Não, minha filha, não precisa falar mais nada não...
- NICA Não! Agora a senhora vai ouvir! *(Pausa.)* Chegou a vez do meu antigo namorado de colégio, dona Mora! *(Enxuga uma lágrima.)* Quando eu vi ele na sala da minha casa, conversando com meu pai... meu pai todo transtornado... eu comecei a gritar! *(Sem forças.)* Até você...! Até você! *(Pausa.)* Caí, desmaiei... Devo ter passado o dia todo desacordada. *(Respira fundo. Pausa.)* Minha mãe me levou embora, fomos pra Ribeirão Preto. Fiquei lá quase dois anos... Foi lá que eu conheci o meu barro, a minha arte. *(Exalta-se, trazendo toda sua força de mulher decidida.)* Mas eu decidi voltar. Voltei, porque eu tinha que acabar o que eu havia começado. Nós nunca podemos deixar nossa história em aberto, dona Mora, senão sabe o que acontece? Viramos

fantasmas! Fantasmas de nós mesmos! Eu não sou um fantasma! *(Nervosa. Conclusiva.)* Agora eu posso ir embora pra São Paulo, não posso?

DONA MORA Se é que o defunto morreu mesmo. Nunca se sabe!

NICA Eu sei que a senhora está doida pra ir lá. Vai!

DONA MORA *(Sai apressada, incomodada com o que ouviu.)* - Eu preciso ir lá dar uma olhadinha, sim. Mas eu já volto. Fica aí! Eu já volto. *(Sai.)*

NICA A senhora já ouviu o que tinha que ouvir. Não precisa voltar. *(Longo silêncio. Nica recompõe-se, cruza os braços, anda, lenta, pela sala, tomada de profunda confusão. Depois, decidida, sai pela porta lateral.)*

CENA XI

Três horas depois...

(Nica volta, vestindo o avental, postura tranquila, mas muito abatida. Escolhe alguns pincéis guardados num pote, ajeita-os sobre a mesa. Analisa as cores, mostra dúvida. Sai, e traz um dos vasos quebrados. Uma parte da borda superior se despregou do todo. Coloca sobre a mesa, encaixa a peça solta, fica analisando o estrago. Começa, então, a recuperar a peça, com o intuito de pintá-la, o que vai fazendo calmamente. Ares de quem está retomando a vida. Enquanto pinta, ouve-se a aproximação e o distanciamento de um carro de som passando em frente à sua casa, anunciando o falecimento de Antônio. A voz é monocórdia, pausada e solene, acompanhando-a, ao fundo, uma música fúnebre.)

VOZ

Nota de Falecimento. A família Tondatti comunica com pesar o falecimento de Antônio Tondatti, o popular Zuca. O enterro será amanhã, às dez horas, no cemitério municipal. A família agradece a presença de todos. (*Som de música fúnebre em primeiro plano, cinco segundos, o carro passa agora em frente à casa de Nica, portanto, a voz, próxima, aumenta.*) Nota de Falecimento. A família Tondatti comunica com pesar o falecimento de Antônio Tondatti, o popular Zuca. O enterro será amanhã, às dez horas, no cemitério municipal. A família agradece a presença de todos. (*Som de música fúnebre em primeiro plano, cinco segundos, o carro se distancia, portanto, a voz agora mais fraca. Nesse momento, Nica está saindo com as tintas, deixando o palco vazio.*) Nota de Falecimento. A família Tondatti comunica com pesar o falecimento de Antônio Tondatti, o popular Zuca. O enterro será amanhã, às dez horas, no cemitério municipal. A família agradece a presença de todos. (*Cai o pano.*)

FIM

Brasília/DF, 05 de outubro de 2010.